

2011 foi um marco para o setor mas ainda temos desafios a superar

Esse ano de 2011 foi novamente um bom período para a cafeicultura brasileira. As exportações devem render algo em torno de US\$ 8,5 bilhões, com embarques próximos de 3,3 milhões de sacas, resultados que representam recordes históricos nesses 284 anos de café no Brasil. Desde a introdução do café no país, em 1727, passando por 1860, quando nos tornamos o maior produtor e exportador mundial, 2011 representa, portanto, um novo marco para o setor. Mas vale lembrar que esses números serão superados, certamente, nos anos seguintes.

Os fundamentos do café continuam positivos. Do lado do consumo, não obstante o cenário econômico preocupante nos principais mercados consumidores do café, União Européia, Estados Unidos e Japão, os indicadores mostram crescimentos (ver estatísticas nesta edição). Embora mais modestos nos mercados tradicionais, esses números evoluem a taxas expressivas nos mercados emergentes e nos países produtores. As estimativas de especialistas, que projetam um consumo mundial de cerca de 160 milhões de sacas ao final desta década – saltando dos 134 milhões previstos pela OIC para 2010 - nos parecem cada vez mais factíveis.

O suprimento, por outro lado, indica que, muito provavelmente, manteremos a atual situação de equilíbrio observada nos últimos anos. Ou seja, é realista estimar que continue a evoluir moderadamente, em linha com o aumento da demanda gerada pela expansão do consumo. E, também, por conta da recuperação gradual da produção em países que tiveram redução nos últimos anos, por fatores climáticos e aumentos reais em alguns países, como é o caso do Brasil.

Na questão dos preços para o café, a despeito da influência que a situação econômica mundial exerce sobre as cotações, especialmente pela volatilidade trazida pelos seus momentos de maior tensão, penso que é igualmente realista prever um comportamento estável e altas moderadas.

No Brasil, a nova paridade entre o real e o dólar, em torno de R\$ 1,80 por dólar, ajuda na melhoria da renda interna. Junto com os prováveis avanços na produtividade - apoiados na constante melhoria da tecnologia de produção gerada pela pesquisa -, devem manter a competitividade da cafeicultura brasileira. No segmento dos cafés de alta qualidade, dito especiais, os avanços alcançados no uso de técnicas de preparo

mais elaboradas vêm agregando valor ao produto e proporcionando também o aumento da renda do produtor. Essa nova realidade está contribuindo para uma disponibilidade maior dessas qualidades, o que é um fator decisivo para garantir o acesso aos mercados mais exigentes.

Não há como negar que o cenário é positivo para o café do Brasil, mas não podemos subestimar os desafios que ainda temos a superar. Entre eles, é importante destacar a necessidade de mantermos nossa competitividade e ampliarmos substancialmente a certificação de nossa produção. Dizemos isso porque, embora sejamos atualmente o maior exportador de cafés certificados, o volume precisa ser aumentado para corresponder aos compromissos de utilização declarados por grandes indústrias. Além disso, precisamos estar atentos às reações de importadores que vêm uma posição hegemônica do Brasil no mercado e começam a fazer investimentos consideráveis em outros países produtores com o objetivo de incrementar suas produções. Essas reações explicam bem as barreiras que tiveram de ser derrubadas na recente eleição do candidato brasileiro à direção executiva da OIC!

5



Guilherme Braga Abreu Pires Filho é Diretor Geral do CECAFÉ e Presidente do CCCRJ